

Discurso de posse no Instituto do Ceará

GISAFRAN NAZARENO MOTA JUCÁ^(*)

Comemorar o ato formal da minha posse como membro do Instituto do Ceará não significa ater-se exclusivamente a uma emoção subjetiva, mergulhando no doce enlevo de um auto-reconhecimento, fazendo emergir toda uma trajetória profissional, que a revelar o valor de uma individualidade que viesse superar o currículo de outros possíveis concorrentes a uma vaga nesta Instituição.

O momento é significativo, desde que se deixe descortinar o real perfil do Instituto do Ceará, ao longo de sua trajetória histórica, não apenas como uma Sociedade valiosa na época de sua criação. É importante não perder "...a perspectiva de entendê-los [Os Institutos] enquanto conjunto, enquanto espaços de produção de um saber histórico característico do século XIX e alternativo perante outros centros contemporâneos — como os museus e academias de direito e de medicina —, mostrou-se oportuna. De fato, além do perfil econômico de seus associados ser diverso, a arregimentação seguiria modelos afastados dos padrões científicos ou acadêmicos observados pelos demais estabelecimentos."¹ E acrescenta: "Segundo José Honório Rodrigues, a intenção de criar uma cronologia para a história do país surge apenas com a fundação dos Institutos Históricos. Até então, existiriam basicamente iniciativas isoladas, pouco preocupadas com a sistematização e construção de uma teoria da história nacional".²

Com a instalação das Universidades no Brasil é verdade que os Institutos perderam a hegemonia de centros exclusivos da pes-

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz in *Os Institutos Históricos e Geográficos "Guardiões da História Oficial"*, p.100

² Idem, op. cit., p.133

quisa histórica, mas é bom não esquecer que os quadros das Escolas Superiores Pioneiras foram compostos por membros a eles pertencentes. Veja-se, por exemplo, a relação dos componentes do quadro docente da pioneira Faculdade de Filosofia, dirigida pelos Irmãos Maristas, em Fortaleza, com a participação de membros do Instituto do Ceará.

Todavia, a partir dos anos 50, a divisão do mundo pós-guerra, expressa através da guerra fria na disputa pela hegemonia mundial, com o Leste sob o domínio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, com o sonho de fazer avançar o socialismo contra o poderio dos Estados Unidos da América, repercutiu de modo intensivo no seio das Universidades brasileiras. Embora tenha sido iniciada nos anos cinqüenta, a guerra fria tornou-se mais intensa na década de sessenta, desatacando-se no cenário internacional a construção do muro de Berlim, em 1961, a Revolução em Cuba, 1959-60, que implantou o primeiro governo comunista no continente americano.

Nas Universidades e Instituições de Pesquisa destacavam-se os trabalhos voltados ao problema do subdesenvolvimento, onde se configurava a relação do domínio das nações mais ricas sobre as nações dependentes. O Imperialismo constituía o alvo a ser combatido, uma vez que era apontado como responsável pela origem dos problemas enfrentados. Conforme ressalta Maria Helena Simões Paes, "A década de 60 na América Latina foi de tal modo marcada pelas lutas nacionalistas e pelas utopias das esquerdas, que é impossível olhar esses anos sem enxergá-las."³

As manifestações estudantis, que cresciam nos principais centros urbanos do país, também se faziam presentes no seio da vida acadêmica, não apenas através dos Centros Acadêmicos, filiados ao Diretório Central dos Estudantes, mas no cotidiano de sala de aula. Para os jovens contestadores, principalmente no âmbito das Ciências Sociais, as mudanças deveriam ser radicais.

³ PAES, Maria Helena Simões. *A Década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo: Ática, 1992, p.17.

Os agentes e os métodos a serem considerados na História, oriundos da influência positivista, tinham de ser combatidos e a noção de História não deveria debruçar-se apenas sobre o passado para venerá-lo, mas o fundamental era alimentar o sonho escatológico de uma sociedade mais justa. Para tanto, era imprescindível estudar o passado para compreender criticamente o presente e planejar um futuro promissor e igualitário, que deveria superar as desigualdades sociais.

Para os estudantes mais comprometidos com as novas propostas políticas, a História ensinada era alienante e o Instituto Histórico simbolizava a personificação daquela história a ser combatida. O curioso é que essa classificação simplista de Instituto Histórico como sinônimo de uma História ultrapassada permaneceu inclusive após a instalação do Curso de História na UFC, na década de 70, ou mesmo no seio de outros departamentos. Eram raros os que aceitavam o desafio de defender o Instituto como Instituição propícia ao desenvolvimento da pesquisa.

Tais considerações nos remetem à decisiva contribuição da teoria marxiana ao aperfeiçoamento das Ciências Súcias. Afinal, a interdisciplinaridade, tão presente na Nova História não nasceu com a Revista dos Annales, mas brotou da própria valorização apresentada por Marx à História, desde que apoiada nas demais Ciências Sociais. Todavia, o sectarismo de determinados grupos políticos, que se diziam seguidores de Marx, denegriu de maneira incisiva a interpretação marxiana, fazendo proliferar as contradições de diferentes tendências. Na verdade, o reconhecimento dos entraves dogmáticos somente nos dias atuais passou a ser reconhecido de modo mais nítido, partindo inclusive de ex-militantes marxistas. De acordo com Fernando Kolleritz, analisando as autobiografias de três intelectuais franceses, onde apresentam uma crítica acerca “do seu passado comunista”, limitado pelas diretrizes do stalinismo, “A vulgata marxista tornou-se pré-ciente ao desprender de uma teoria dos modos de produção e de uma análise sócio-econômica do capitalismo a antecipação certa de um futuro histórico. Os partidos comunistas e as vanguardas revolucionárias apropriaram-se desta verdade futura tornando-se seu su-

porte e vetor políticos.” Conseqüentemente, “...mais do que ‘ter’ o monopólio da verdade, o Partido ‘é’ seu substrato. Desta ‘epistemológica’ nasce a própria noção do subjetivismo. Toda subjetividade (reflexo puro da objetividade) pertence, como monopólio seu, ao partido. Face à instância coletiva de verdade (que não faz senão ocupar o lugar ideal do proletariado) dúvidas e hesitações, críticas ou denúncias terão forçosamente caráter ‘subjetivistas’. Graças ao sufixo depreciativo, a instância da subjetividade é abolida do político.”¹ De acordo com a exposição apresentada, comprova-se que o apego à suposta objetividade na interpretação da história não se limitava ao universo interpretativo dos positivistas.

Todavia, ao visualizar o quadro docente de História da Faculdade de Filosofia do Ceará, a partir de 1967, após a encampação da Faculdade dos Irmãos Maristas pelo Governo Estadual, apesar do restrito percentual, podemos divisar a presença do Instituto do Ceará na pessoa do Prof. João Hipólito Campos de Oliveira que, apesar de ensinar a disciplina de Geografia, sempre procurava aproximá-la da História, insistindo na necessidade de uma relação entre os diferentes campos do conhecimento, a fim de atingir uma melhor análise da temática estudada.

Quanto aos demais membros do corpo docente do Curso de História da Faculdade de Filosofia do Ceará — FAFICE - merecem destaque dois Professores, cujas experiências cotidianas em sala de aula marcaram decisivamente a minha formação: refiro-me aos Profs. João Alfredo de Sousa Montenegro e Manoel Sedrim de Castro Jucá, meu tio, que ante a dúvida do sobrinho em escolher o Curso de Letras ou de História, sugeriu este último, ressaltando além da dimensão cultural de sua área predileta, a viabilidade de uma melhor chance no mercado de trabalho, uma vez que só havia Curso de História na FAFICE, pois o da Federal só seria instituído no início da década de setenta.

Além disso, as aulas por ele ministradas sempre seguiam um roteiro traçado, evitando as aulas improvisadas que não eram

¹ KOLLERITZ, Fernando. A Apostasia Comunista: a Subjetividade como Política in *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, n.º 37, p. 213-214, 1999.

raras no nosso meio acadêmico. Sou-lhe profundamente grato pela valiosa sugestão apresentada como pela oportunidade que me ofereceu para substituí-lo, no Colégio Lourenço Filho, como passo inicial de minhas atividades de magistério.

O Professor João Alfredo de Sousa Montenegro foi outra figura marcante no trajeto da minha formação acadêmica. Hoje pertencente ao Instituto e mesmo que não tivesse aceitado a incumbência de saudar o ingresso de seu ex-aluno nesta Instituição, também figuraria como o mentor de um principiante nas trilhas da História. As disciplinas por ele ministradas, Introdução ao Estudo da História e Filosofia da História, constituíram o alicerce sólido de toda uma formação profissional. Através de suas exposições acerca das Teorias em História, numa época onde predominava o ensino preferencialmente cronológico, abriam-se novas perspectivas de análise e compreensão, levando-nos a descobrir a diversidade de interpretações, expressas através da força da subjetividade na construção e interpretação do conhecimento histórico.

Através de suas aulas, passamos a descobrir que existia algo que poderia figurar como objeto da História, além da História Política. E foi por seu intermédio que passamos a compreender o significado da contribuição de Jacob Burckhardt, em suas Reflexões Sobre a História Universal, onde ficava explícito que “a essência da História é a sua contínua mutabilidade”. Na verdade, para Burckhardt, conforme apresenta Ernst Cassirer, “Lo que cuenta la historia no es, en realidad, otra cosa que el largo, áspero y confuso sueño de la humanidad” E acrescenta: “Y la ciencia no pude esperar, como no puede esperarlo tampoco la metafísica, encontrar en este sueño algo que pode apoyarse y de lo que poder extraer aunque sólo una ‘verdad’ empírica. También el saber aspira, no a lo individual, sino a lo universal, no a lo precedero, sino a lo perdurable y lo permanente.”⁵ Por isso, é válido ressaltar que a decisiva contribuição do Prof. João Alfredo de Sousa

⁵ CASSIRER, Ernst. *El Problema Del Conocimiento en La Filosofía Y en la Ciencia Modernas. IV De La Muerte de Hegel a Nuestros Días (1832-1932)*. México: Fondo de Cultura Económica, s.d., p.331.

Montenegro não se restringiu a sua significativa produção histórica, mas também marcou as experiências didáticas da FAFICE.

Entretanto, foi sobretudo a partir das últimas décadas que a relação entre Instituto do Ceará e Universidades amadureceu, sendo rompida a velha barreira, que insistia em confrontar o novo e o arcaico, na busca do refúgio do saber a permanecer em mão dos que se consideravam iluminados. Na realidade, o avanço de novas tendências interpretativas nas Ciências Sociais, com a queda dos paradigmas deterministas e excludentes, fez com os intelectuais refletissem melhor acerca do processo histórico, que passou a ser entendido não mais como uma rota única com um traçado futurista, mas os conscientizou das limitações da Razão, fazendo-os compreender a diversidade de trilhas e atalhos opcionais na construção do saber histórico.

O elo de união entre Instituto do Ceará e o mundo universitário foi avançando, tornando-se realidade o que antes se definia como paradoxo. Desse modo, a Direção da Instituição, com o intuito de complementar e ampliar os horizontes das temáticas estudadas foi convocando mais Professores Universitários, de diferentes tendências, para concretizar tal conexão. E o resultado de tal medida pode ser exemplificado na decisiva contribuição prestada por eminentes membros deste Instituto, oriundos das Universidades, que têm deixado a sua marca nas atividades programadas, com o devido respeito aos demais sócios efetivos.

Não poderia esquecer o empenho e a dedicação em concretizar o roteiro traçado de dinamizar a ação concreta do Instituto, presentes na ação do nosso atual Presidente, Paulo Ayrton Araújo, que mesmo sem me conhecer anteriormente, mas confiando na indicação dos demais membros insistiu em abrir as portas da Instituição que dirige, deixando transparecer o seu entusiasmo e confiança no que pode ser feito para dinamizá-lo.

Nessa retrospectiva apresentada, como é de praxe nas Sessões de posse dos novos membros, cabe-nos tecer algumas considerações a respeito do meu antecessor no Instituto, o Pesquisador Guarino Alves de Oliveira. De acordo com depoimento seu "São poucos, os meus livros publicados. Neste país essencialmente

político e mercantil, é mais fácil escrever do que publicar livros.” Data de 1953 sua primeira obra publicada, o romance *O Diamante do Tibagi*, seguido de *Uma Janela para o Nordeste*, lançado em 1960. Entretanto, analisando seus dados biográficos constata-se a seqüência de diversos trabalhos de história por Ele elaborados, confirmando a assertiva presente no *Dicionário da Literatura Cearense*: “Guarino Alves de Oliveira é um dos mais ativos pesquisadores do Instituto do Ceará, onde passa longas horas folheando os exemplares da Hemeroteca ou sobraçando alfarrábios do início do século, catando informações para os seus fundamentados trabalhos sobre a História. Seu trabalho minucioso, paciente e, sobretudo inteligente, lhe valeu um convite do Ministério de Assuntos Exteriores para realizar pesquisas na Espanha. O resultado disso pode ser encontrado na Biblioteca do Instituto, na forma de livros, monografias, artigos... (p.161).

Como funcionário do Ministério da Previdência Social reservava tempo para se dedicar às atividades culturais. Na década de quarenta, fundou e dirigiu o periódico *O Debate*, impresso inicialmente nas oficinas do jornal *O Estado* e depois na tipografia dos padres Paulinos. Participou da Comissão de alto nível, dedicada a assuntos históricos, da Secretaria de Cultura do Ceará. Foi Secretário da Sociedade Cearense de Geografia e História. Dentre as homenagens recebidas, destacou-se o troféu Catavento de Prata, que lhe foi atribuído pelo Governo do Rio Grande do Norte. Além dos artigos publicados em Revistas locais — a do Instituto do Ceará, da Sociedade Cearense de Geografia e História e a da Secretaria de Cultura do Ceará, colaborou com outras revistas — *Milho Verde*, *Nordeste*, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e *Tempo Universitário*, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Acerca dos diversos artigos por ele elaborados, vale enumerar *A Costa Setentrional do Brasil na Carta de navegar de Alberto Cantino*, 1968; *Vera Cruz (Antonio Vicente Ianez Pínsón)*; *O Descobrimento do Brasil pelos Espanhóis*, 1974; *Capitanias Hereditárias, Dissertações Sintéticas de um Historiógrafo*, 1977; *Duas Contribuições para a História Marítima do Brasil*, 1977; *Província Fliminis Grandis*, 1978; *João Rodrigues Colaço e uma nota em*

Cursivo do Barão de Studart, 1979; *Elogio de Izabel, a Rainha Católica*, 1980; *Vicente Ianez Pinzón (última verba)*, em espanhol, 1981 e *História dos Descobrimentos Marítimos no Brasil*.

A melhor referência que posso prestar ao Ilustre Patrono é, tomando por base a sua experiência, procurar seguir o seu roteiro de participar do Instituto, não apenas fazendo-me presente às reuniões formais, mas demonstrando a sua dedicação freqüente à pesquisa do rico acervo, que nos é oferecido.

Aproveitando o ensejo desta solenidade, cabe-me aceitar o desafio de participar do Instituto não com o intuito de atender a interesses pessoais, mas seguindo a experiência daqueles que vêm contribuindo para aproximar o Instituto das Universidades, incentivando e tornando realidade a necessidade de união entre o ensino e a pesquisa histórica.